



Outorga do Título de Professor Emérito a

Bento Prado de Almeida Ferraz Jr.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

REITOR: Prof. Dr. Adolpho José Melfi
VICE-REITOR: Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DIRETOR: Prof. Dr. Sedi Hirano
VICE-DIRETORA: Profa. Dra. Eni de Mesquita Samara

**CERIMÔNIA DE OUTORGA DO TÍTULO
DE PROFESSOR EMÉRITO**

Prof. Dr. *Bento Prado de Almeida Ferraz Jr.*

SAUDAÇÃO PROFERIDA POR

Profa. Dra. *Marilena de Souza Chauí*

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

C415 Cerimônia de outorga do título de Professor Emérito: Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Jr.
São Paulo: SDI/FFLCH/USP, 2002.
20 p.

Discursos por Bento Prado de Almeida Ferraz Jr., Marilena de Souza Chauí.

ISBN 85-7506-091-0

1. Ensino superior 2. Universidade (Questões Gerais) I. Ferraz Jr., Bento Prado de Almeida II. Chauí, Marilena de Souza III. Série

CDD 378

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO7

Maria das Graças de Souza

DISCURSO DE SAUDAÇÃO9

Marilena de Souza Chauí

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO
TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO13

Bento Prado de Almeida Ferraz Jr.

APRESENTAÇÃO

Para o Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, o título de Professor Emérito, outorgado a alguns de seus membros nestes últimos anos, tem um significado muito especial, considerando a trajetória notável desta geração de professores, que, além de terem cumprido seu papel como professores, pesquisadores, e formadores dos novos quadros, enfrentaram o período difícil da ditadura militar, pela qual foram perseguidos, afastados de suas funções acadêmicas, alguns deles presos ou exilados, além daqueles que, tal como sobreviventes de uma guerra insana, mantiveram vivo o Departamento, ameaçado de extinção.

Diferenças pessoais, teóricas e até políticas postas à parte, estes professores nos deixaram um legado comum, cujos traços vale a pena ressaltar: a aspiração universalista que permite tomar distâncias em relação a qualquer fundamentalismo, a autonomia do pensamento face às formas religiosas da representação da sociedade e da história, a exigência de rigor na consideração dos conceitos herdados da tradição, a função crítica da filosofia em relação ao nosso tempo e, enfim, a independência da filosofia em relação aos poderes constituídos. Estes princípios regeram a sua história, do ponto de vista do desempenho de suas funções na vida acadêmica, na docência e na pesquisa, mas orientaram também as suas tomadas de posição diante daquele difícil momento vivido pelo nosso país.

Assim, esta homenagem a nossos professores eméritos se desdobra numa homenagem aos cidadãos eméritos que foram e ainda são. Gostaríamos de dizer, em nome dos docentes do Departamento de Filosofia, na grande maioria seus alunos na graduação e nos anos de pós-graduação, que temos nos esforçado constantemente para correspondermos a este legado teórico e político.

Maria das Graças de Souza
Vice-chefe do Departamento de Filosofia

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

Profa. Dra. Marilena de Souza Chauí
Docente do Departamento de Filosofia

Quando foi decidido que Bento receberia o título de Prof. Emérito, eu declarei ser meu direito, meu privilégio, saudá-lo, pois fui aluna de sua primeira turma como professor universitário, fui sua primeira orientanda, quando criada a Pós-Graduação de Filosofia em 1966. A ele devo minha condição de professora em nosso Departamento. Julguei que seria tarefa não só honrosa, mas também de fácil cumprimento. Que poderia ser mais fácil do que falar bem deste que é a unanimidade filosófica nacional? Ledo engano. Há mais de um mês vim tentando escrever esta saudação e o papel em branco, que dizem tudo aceitar, não tinha o que receber. Não por falta e sim por superabundância.

O que diria? Recolhi os fios da memória e descobri que havia tanto a dizer, que não sabia por onde começar. Começaria falando do jovem professor cujas aulas, cada uma delas construída como uma pequena obra de arte, contém tesouros de ensinamento e de erudição que os anos não envelhecem e sim rejuvenescem a cada nova leitura, manancial precioso a ser incessantemente descoberto e redescoberto? (tenho guardadas notas de aulas cuja leitura é sempre nova porque há sempre alguma coisa que antes não fora percebida; essas aulas são um aprendizado sem fim e a publicação de uma delas pela revista *Dissenso*, dos estudantes de nosso Departamento, é a evidência empírica do que digo aqui). Ou, como sua primeira orientanda, começaria por seu estilo como orientador? (tenho guardado o plano que Bento fez para minha tese de mestrado e que, um dia, ainda espero poder cumprir à altura do que foi proposto), isto é, por que não começar falando dessa maneira generosa e atenta de sugerir caminhos, oferecer pistas, corrigir equívocos sem jamais invadir o pensamento do orientando, de discutir seu ponto de vista sem jamais impô-lo, porque sempre pronto a aprender com seu aprendiz, essa maneira de ser exemplar sem jamais transformar o orientando em repetidor ou imitador, essa grandeza de defender o outro quando ameaçado injustamente? Ou começaria narrando o que se passou entre

nós, os alunos de pós-graduação, ao vê-lo realizar a inacreditável façanha, sobretudo naqueles anos 60, de ser livre-docente aos 28 anos de idade? Ou deveria iniciar pela *ágora*, pelas conversas noite a dentro na paulicéia desvairada, sendo então mais fiel ao seu espírito, pois Bento define a filosofia como uma maneira de conversar? Por que não começar falando dessas conversas em que o pensamento de Bento vai explorando terrenos batidos para fazer surgir o inesperado? Esse peculiar estilo dialético em que o pensador vai propondo teses para logo destruí-las e recompô-las num novo registro de significação cuja amplitude, até então ignorada, surge lentamente à nossa volta e captura nossos ouvidos distraídos numa atenção permanente. Ou por que não começar falando a partir dos relatos que me foram feitos de sua atuação em 1968 e lembrar as divertidas descrições do Departamento de Filosofia que se faziam, naquela época, quando os professores se dividiam em dois gêneros zoológicos, os “pescoço mole” e os “pescoço duro”? Ou, ao contrário, por que não começar pelo presente, falando de seu papel decisivo para, com exercício verdadeiro da razão, manter a Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia, retirando-a do pântano de subjetividades ensandecidas?

Como escrever? Perguntei-me todos esses dias. Poderia traçar o perfil enigmático de alguém cuja seriedade nasce de sua capacidade para rir dos outros porque sabe rir de si mesmo e cuja inesgotável tolerância para com os outros é consequência de sua intransigência moral? Pois só a retidão de caráter e de princípios se manifesta numa tolerância que não transige no essencial. Ou deveria escrever para salientar que sua tiradas, misto de *pensées* e de *hai-kais*, se são um arabesco, como ele mesmo gosta de dizer, são, de fato e mais profundamente, o traço marcante do estilo aforismático do filósofo que espreita a *hybris* em si mesmo e nos demais? Mas, por que não escrever para assinalar esse acontecimento extraordinário que é a segurança e tranquilidade que nos dá sua presença toda vez que uma crise se põe em movimento? Pois sabemos que onde Bento estiver também estará a prudência, pois, como dissera Aristóteles, não é possível ser prudente sem ser filósofo. Em Bento encontramos a prudência no seu sentido mais nobre e elevado, isto é, aquela moderação que se manifesta na sua maneira sombranceira de deixar agir sua fortaleza d’alma que obriga a crise a explicitar-se para que, conhecido seu sentido, mostre-se como sintoma de algo que precisa ser agarrado pela raiz para não

mais se repetir. No entanto, por que não começar examinando e pontuando o sentido de sua recusa permanente de considerar a filosofia uma profissão, pois a profissão é a de professor, e não a de filósofo, e desdobrar as consequências dessa decisão fundamental que transparece em filigrana em seus escritos e em suas falas?

Assim, na tentativa de domesticar minhas lembranças e de cercar minha própria fala, tornou-se óbvio que cada aspecto lembrado ou percebido definia, por si mesmo, um largo espectro de cores e matizes, e que cada fio puxado tecia, por si mesmo, uma tapeçaria. Diante dessa profusão, temi que, muito à minha moda, em vez de saudação, escrevesse um tratado. Aos poucos, porém, me dei conta de que essa profusão não é um obstáculo, mas exprime as duas qualidades que, hoje, desejamos saudar: a do grande professor e a do filósofo.

Merleau Ponty escreveu que o bom professor é aquele que não diz “faça como eu” e sim “faça comigo”, que não ensina a nadar com movimentos abstratos feitos na areia, mas que se lança n’água com o aluno para que este aprenda a nadar no contacto com o movimento das águas que o acolhem e o repelem, para que aprenda com elas a mover-se nelas. O grande professor é aquele que não se interpõe entre o estudante e o saber, mas se faz instrumento e caminho para que o aprendiz aprenda sozinho e por si mesmo no contacto com o pensamento se fazendo. Como aluna de Bento Prado sei que falo por todos os seus estudantes ao saudar, hoje, o bom professor, que nos ensina a alegria e o risco de uma liberdade conquistada à medida que se efetua como prazer de pensar.

Merleau Ponty também disse um dia que o filósofo é aquele que é testemunha de sua própria desordem interior, aquele que fala não porque tenha algo a ensinar – o filósofo não é um pregador —, e sim para poder aprender à medida que vai falando, acalmando a agitação de suas idéias quando as transfigura no corpo sutil das palavras. Ao fazê-lo, realiza o trabalho da obra, trabalho que prosseguirá nos seus pósteros porque existe obra quando a escrita tem o poder de suscitar não apenas leituras, mas outras escritas, que devem à primeira o que esta lhes deu a pensar e a dizer. Como leitora e ouvinte de Bento Prado sei que falo por seus leitores e ouvintes ao saudá-lo hoje por transformar sua desordem interior em obra.

À saudação ao mestre — professor e filósofo — quero acrescentar a que fazemos, todos nós, ao amigo de todas as horas. Numa das mais belas passagens da *Ética a Nicômaco*, Aristóteles fala da amizade como imitação do divino. Finitos e carentes, cada um de nós é habitado pela falta, pela presença da morte, pela dependência, mas também e por isso mesmo, pelo desejo de plenitude e de autarcia próprios do deus. É a amizade que nos aproxima do divino: o bem querer entre os amigos, o partilhar e compartilhar com eles nossa vida, o desejar a cada um o que se deseja para si mesmo, a ajuda recíproca e desinteressada confere a cada um e à unidade por eles formada a mais perfeita figura humana da autarcia, da liberdade e da felicidade que pareceriam reservadas apenas ao divino. Se, como diz La Boétie, a amizade é coisa santa é porque nela nos reconhecemos livres e iguais no bem querer e no bem fazer. Salve, pois, amigo Bento Prado.

DISCURSO PROFERIDO QUANDO DA ENTREGA DO TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO

Bento Prado de Almeida Ferraz Jr.

Não será difícil para ninguém, creio, imaginar as emoções contraditórias que se assenhoreiam de mim neste instante. E a primeira é motivada pela dúvida quanto ao meu merecimento ao título que me é agora concedido pela egrégia Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Lembro aqui as duas primeiras frases de Merleau-Ponty em sua aula inaugural no Collège de France, que traduzo livremente para melhor adequá-las a este contexto: “Aquele que é testemunho de sua própria pesquisa, isto é, de sua desordem interior, não pode de modo algum se sentir herdeiro dos homens incomparáveis cujos nomes vê sobre esses muros. Se, além disso, é filósofo, isto é, se sabe que nada sabe, como poderia acreditar-se justificado ao aceitar tais títulos?” A certeza de si é mais problemática no campo do pensamento do que no do conhecimento, pois sua relação com a verdade e o valor é sempre problemática.

Mas esse inevitável grão de angústia não compromete em nada minha alegria e meu contentamento com a honra que me é agora concedida. Com efeito, embora sem merecê-la, o certo é que desde sempre me empenhei de corpo e alma nas tarefas de ensino e pesquisa nas quais me iniciei no Departamento de Filosofia, mesmo após meu afastamento forçado e precoce em 1969. Logo depois de meu retorno do exílio - quando minha presença na faculdade não era ainda perfeitamente regular - reatei meu contato e trabalho conjunto com mestres, colegas e antigos alunos. Contato, aliás, que jamais foi interrompido, já que, no meu período na França, lá estavam vários deles, preparando suas teses ou fugindo da Repressão impiedosa do regime militar. Vários foram os seminários lá realizados, seguindo a tradição da Rua Maria Antonia, quer sobre história da filosofia, quer sobre literatura brasileira. E até hoje, embora definido como “professor inativo” na linguagem oficial da administração, continuo a trabalhar como orientador de dissertações de mestrado e teses de doutoramento no Departamento de Filosofia da USP.

Empenho compreensível, quando se pensa na dimensão afetiva embutida na experiência originária da iniciação e dos anos de formação. Mesmo antes de passar pelo exame vestibular tivera a oportunidade, como aluno do Colégio Bandeirantes, de assistir a dois anos de aulas de história da filosofia grega com João Eduardo Villalobos, que me marcava assim, com o selo da Escola mesmo antes de meu acesso a ela. Jamais apagamos o horizonte de nossa adolescência: uma vez aluno, sempre aluno. Lembro-me aqui de uma página dos *Tristes Trópicos* onde Lévi-Strauss descreve a diferença que opunha, em seus tempos de estudante, os alunos de *philo-lettres* aos da Faculdade de Direito: os primeiros, sóbrios e graves, mimetizando uma maturidade ainda futura e longínqua, os segundos, joviais e brincalhões. E Lévi-Strauss explicava: os segundos, sabendo que em breve abandonariam os muros protetores da escola para mergulhar no adverso mundo real, queimavam os últimos cartuchos da juventude; os primeiros não careciam desse esbanjamento de juvenildade, já que, com a escolha da carreira, haviam decidido jamais deixar a escola ou recusar para sempre, de algum modo, a idade adulta.

Mas é, sobretudo a imagem que tenho da própria Filosofia que guarda para mim até hoje os traços com que se revelavam ao jovem estudante da década de 50, graças à superposição dos perfis dos Mestres que tive, então, a sorte de escutar: João Cruz Costa, Lívio Teixeira, Gilda de Mello e Souza, José Arthur Giannotti e Ruy Fausto (mas também, de maneira intermitente, Gilles-Gaston Granger, de quem seria aluno regular, em Rennes, apenas após minha licenciatura). Ou ainda os perfis de meus colegas logo no início de minha carreira docente: Gérard Lebrun e Oswaldo Porchat, com quem iniciava, na época, uma conversação que prossegue até hoje. Todos eles com estilos muito diferentes, mas que se fixaram na minha imaginação, como que por milagre, numa espécie de boa forma, para usar a linguagem da *Gestaltpsychologie*. Se meus escritos chegaram a adquirir algum estilo, será apenas sobre o fundo dessa imagem ou dessa constelação que ele poderá ser identificável ou perceptível.

Nem faltarão, na definição desse horizonte ou desta atmosfera, as figuras de alunos dos meus primeiros cursos de introdução à filosofia, alunos que mais tarde se tornariam professores do Departamento, e com os quais muito aprenderia logo a seguir: Marilena Chauí, Paulo E. Arantes, Rubens Rodrigues Torres Filho e Armando Mora de

Oliveira entre outros (Helena Hirata não chegou a ser professora aqui, a despeito de meus esforços enquanto chefe do Departamento, por força maior ou pelas circunstâncias dramáticas daquele ano de 1968). Sem esquecer os ex-alunos de meus ex-alunos, que são meus mestres em matérias diversas e já fazem legião.

Como definir esse horizonte? Não é fácil fazê-lo em poucas linhas. Mas é o que tentei fazer no ensaio *As filosofias da Maria Antonia na memória de um ex-aluno* (depois de um esboço anterior, publicado na revista *Discurso* em memória de Lívio Teixeira). Definição que poderia, todavia, ser expressa de maneira sumária nos seguintes termos: historiografia filosófica, história social das idéias e epistemologia a serviço da crítica da cultura e da sociedade, ou da geléia ideológica dominante em nossa situação brasileira. E isto num estilo que está longe (hoje como ontem, mas, sobretudo *hoje*) de ser hegemônico nas universidades, do Brasil como do exterior. Um efeito feliz e inesperado do transplante da filosofia universitária em nossos alegres trópicos, como mostrou, em vários ensaios, Paulo Eduardo Arantes, comentando a posteridade do programa pedagógico proposto por Jean Maugué para nosso Departamento, desde sua aurora nos anos 30. Se uso a expressão “alegres trópicos” é para lembrar duas declarações de Gérard Lebrun- esse observador particularmente crítico e pouco complacente - a propósito de sua longa estadia em São Paulo. Ele afirmava: esse período foi o mais feliz de minha vida universitária, talvez de minha vida; e falava também do estilo incomparável do Departamento - como convém lembrar neste momento em que o mesmo Departamento tornou-se objeto de críticas irresponsáveis, produzidas a propósito de um texto crítico, mas perfeitamente equânime de Oswaldo Porchat. O próprio Porchat teve a oportunidade de corrigir essas leituras equivocadas de seu texto, sublinhando seu inequívoco reconhecimento das qualidades de nosso Departamento.

Mas não era apenas nesse Departamento que eu tinha a sorte de ser admitido como aluno em 1956: era na própria Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que, por razões demográficas e urbanísticas, podia ainda conservar um estilo mais comunitário que societário e onde os limites interdepartamentais eram menos rígidos e mais porosos. O crescimento da instituição tornaria mais difíceis tais fluxos pouco tempo depois. É

assim que, ainda aluno, comecei a participar do Seminário Marx, hoje famoso, com professores e alunos do nosso e de outros Departamentos, como os de Letras, História e Ciências Sociais: Giannotti, Ruth e Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Fernando Novais, Paul Singer, Roberto Schwarz e Michael Löwy, entre outros. A despeito dos limites desse projeto, já sublinhados retrospectivamente por vários dos seus participantes, é inegável que essa experiência era índice de alguma forma de acerto teórico, de ebulição da vida intelectual. Muito do que melhor foi feito a seguir nos campos de história econômica, social, cultural, nos anos imediatos, foi preparado nesses seminários.

Mas, para tornar ainda mais claras as razões de minha emoção ou do afeto que me liga à Faculdade e ao Departamento, é preciso ainda explicar que não me integrei neles apenas como indivíduo, mas desde sempre já preparado para isso na atmosfera da vida familiar. Tudo se passa como se meu ingresso na Escola fosse apenas um momento de um longo processo “familiar” de escolarização, que me envolveu como filho, irmão e, finalmente, como pai. De fato, de meus nove irmãos, três são doutores pela USP: História Natural, Linguística, Língua e Literatura Grega. De meus três filhos, dois são Mestres e Doutorandos pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. E Lúcia Prado, minha mulher, também licenciada por nosso Departamento, só obteve seu título de *Docteur es Sciences* pela Universidade de Paris, por efeito de nosso forçado nomadismo. Finalmente, se tantos irmãos e filhos passaram assim pela USP, talvez seja porque meu pai, o velho Prof. Bento Prado nos tenha levado a todos nessa direção: ele que, no começo do século, antes da criação da Universidade, iniciou seus estudos na Escola Politécnica, que mais tarde a ela seria integrada. Ele que, professor por vocação antes de sê-lo por necessidade, viria mais tarde consagrar-se ao ensino de língua e literatura latina, e que gostava de ensinar matemática e análise literária a seus filhos. Narro apenas mais um episódio, para evidenciar essa espécie de contágio ou de contaminação que passa por gerações. Meu filho, Bento Prado Neto, depois de dois anos de estudos de Física na USP, (que fizera para preparar-se para o estudo da Filosofia, como que atendendo a recomendação de Granger da dupla formação científico-filosófica), passou pelo vestibular de nosso Departamento. Depois de duas semanas de curso, veio declarar-me: “Pai, estou muito feliz, porque finalmente estou em casa!”.

Essa impregnação afetiva que me ultrapassa em todas as direções e que me envolve, é isso que explica minha alegria e meu contentamento nesta circunstância. Poderia perfeitamente repetir agora a frase acima mencionada: “Minhas Senhoras e meus Senhores, estou muito feliz, porque novamente estou em casa, porque nela reencontrei um caridoso abrigo.”

Devo agradecer as palavras generosas e mesmo hiperbólicas de minha amiga Marilena Chauí. E devo contar uma pequena anedota que nos remete ao nosso primeiro encontro em 1960. Na ocasião, substituindo Lívio Teixeira, eu dava um curso sobre Aristóteles. Ao jovem professor não era fácil explicar aos alunos o texto final dos *Segundos Analíticos*, e ele era obrigado a confessar sua incapacidade de decidir entre as duas interpretações rivais: a platônica e a empirista. Feita a confissão, ouço um grito no fundo da classe: “Não é possível, Professor!”. Tanto investimento emocional em questão tão abstrata fez-me dizer à Lúcia, quando voltei para casa: “Tem uma mocinha no primeiro ano que é filósofa”. Empenho, ênfase hiperbólica que vem de longe.

Termino agradecendo a presença do Prof. Dr. Júlio César Coelho de Rose, Diretor do Centro de Educação e Ciências Humanas em que trabalho e que aqui representa também o Prof. Dr. José Rubens Rebelatto, Magnífico Reitor da Universidade Federal de São Carlos. Muito obrigado.

<i>Título</i>	Outorga do Título de Professor Emérito a Bento Prado de Almeida Ferraz Jr.
<i>Editoração/Criação</i>	Serviço de Divulgação e Informação
<i>Coordenação</i>	Eliana Bento da Silva Amatzuzi Barros - MTb 35814
<i>Diagramação</i>	Fernanda Silva Fernandes de Abreu Wiviane Ribeiro do Carmo
<i>Revisão</i>	Lúcia Helena Ferreira Wiviane Ribeiro do Carmo
<i>Formato</i>	15 x 21 cm
<i>Impressão</i>	Gráfica FFLCH/USP
<i>Tiragem</i>	150 exemplares

